



RODAS DE CONVERSA

24º Grito dos/as Excluídos/as

Apresentação

Com alegria e espírito de luta e ousadia, apresentamos o subsídio das Rodas de Conversa do Grito dos (as) Excluídos (a)s 2018.

O Grito surgiu no Brasil no ano de 1994 e o 1º Grito dos Excluídos foi realizado em setembro de 1995, com o objetivo de aprofundar o tema da Campanha da Fraternidade do mesmo ano, que tinha como lema “Eras tu, Senhor”, e responder aos desafios levantados na 2ª Semana Social Brasileira, cujo tema era “Brasil, alternativas e protagonistas”. Em 1999 o Grito rompeu fronteiras e estendeu-se para as Américas.

O Grito dos (as) Excluídos (as) é uma manifestação popular carregada de simbolismo, é um espaço de animação e profecia, sempre aberto e plural de pessoas, grupos, entidades, igrejas e movimentos sociais comprometidos com as causas dos (as) excluídos (as) que brotam do chão e encontram em sua organização suficiente sensibilidade para dar-lhe forma e visibilidade. O Grito nestes últimos anos tem buscando ser um processo de articulação, de formação, de organização popular e não um evento em si. O Grito não tem um “dono”, não é da Igreja, do Sindicato, da Pastoral; não se caracteriza por discursos de lideranças, nem pela centralização dos seus atos; o ecumenismo é vivido na prática das lutas, pois entendemos que os momentos e celebrações ecumênicas são importantes para fortalecer o compromisso. Para organizar as reflexões e objetivos do Grito dos (as) Excluídos (as), os eixos temáticos são um importante instrumento para a formação política e social que o Grito deseja pautar. (anexo 1)

Para que de fato o Grito seja dos (as) excluídos (as), um dos desafios que se coloca é quanto à linguagem que deve ser menos de textos e discursos e mais de imagens, místicas, atividades culturais, onde todas as pessoas sejam capazes e participem do processo de construção, antes, durante e após o Grito. Ou seja, dos pré-Gritos, do Grito e do pós-Grito. E que os gritos levados para as ruas e praças se tornem pauta de reivindicações junto aos poderes locais. Neste sentido as três Rodas de Conversa que apresentamos neste subsídio são um importante aporte nesta dinamização do Grito dos (as) Excluídos (as) e da necessidade de influenciar na sociedade com um debate no cenário social e político e que tem mobilizado a refletir as desigualdades sociais como reflexo do momento difícil de total ausência de identificar as pessoas como sujeitos de direitos e detentores de dignidade humana.

Desejamos que os grupos, coletivos, movimentos e pastorais utilizem este subsídio e possam com criatividade motivar para gerar momentos de diálogos e encontros de sonhos e esperança.

Sempre na luta e esperança!

RODA DE CONVERSA 1

Basta de Privilégios!

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Som, letra da música *Redescobrir*; cartaz do Grito dos Excluídos; bíblia, recortes de notícias ou imagens de privilégios sociais e políticos;

CHEGANÇA

O (a) facilitador (a) deseja as boas-vindas, explicita o objetivo da Roda e convida todas as pessoas a formar um círculo e escutar a canção: *Redescobrir*, de *Elis Regina*. Neste momento motiva-se também para que ao escutar a canção as pessoas possam deixar as inspirações surgirem. (É importante que as pessoas tenham a letra da música em mãos ou projetada).

Redescobrir

Elis Regina

Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos macias
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia
Como um animal que sabe da floresta, memória
Redescobrir o sal que está na própria pele macia
Redescobrir o doce no lamber das línguas macias
Redescobrir o gosto e o sabor da festa, magia
Vai o bicho homem fruto da semente, memória
Renascer da própria força, própria luz e fé, memória
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, história
Somos a semente, ato, mente e voz, magia
Não tenha medo, meu menino povo, memória
Tudo principia na própria pessoa, beleza
Vai como a criança que não teme o tempo, mistério
Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor, magia
Como se fora brincadeira de roda, memória
Jogo do trabalho na dança das mãos macias
O suor dos corpos na canção da vida, história
O suor da vida no calor de irmãos, magia

Depois da escuta da música, o facilitador(a) provoca o grupo para que destaquem palavras ou frases da música que serão ressoadas no coletivo. Deixar as pessoas ressoarem.

O(a) facilitador(a) introduz o tema da Roda de Conversa, recordando o tema e lema do grito dos excluídos(as) 2018, e reafirmando o tema desta Roda: *Chega de Privilégios*. Neste momento, o fa-



Facilitador (a) deve apresentar o cartaz para todas as pessoas, para que ressoem juntos o tema e o lema do Grito 2018.

VAMOS SABER MAIS

Uma pessoa faz a leitura do texto bíblico:

Lucas 14:7—14

Reparando como os convidados escolhiam os primeiros lugares propôs-lhes uma parábola:

Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu, vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá o lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar.

Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: amigo, senta-te mais para cima. Ser-te-á isto uma honra diante de todos os mais convivas.

Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado.

Disse também ao que o havia convidado: quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado.

Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos.

VAMOS ABRIR A RODA

Depois da leitura do texto bíblico, o (a) facilitador (a) motiva as pessoas a observarem no centro da sala fotografias ou recortes de notícias que apresentam os privilégios institucionais, sociais ou políticos. E depois de observar, o facilitador (a) fará as seguintes perguntas:

- 1) *O que são privilégios?*
- 2) *Quem são os (as) privilegiados(as) hoje?*
- 3) *Qual a diferença entre direitos e privilégios?*
- 4) *Quais são as raízes dos privilégios?*

ORGANIZANDO O GRITO DOS EXCLUÍDOS

Como podemos levar o grito de denúncia contra os privilégios para as ruas?

Motivar para que as pessoas deem suas ideias e registrar para que as sugestões sejam incorporadas às atividades do Grito dos(as) Excluídos (as).

VAMOS QUE VAMOS

Cantar juntos a canção: *A mesa tão grande e vazia – Zé Vicente*

A mesa tão grande e vazia de amor e de paz - de paz! / Aonde há luxo de alguns, alegria não há - jamais! / A mesa da Eucaristia nos quer ensinar - á, á / que a ordem de Deus, nosso Pai, é o pão partilhar.

Pão em todas as mesas, / da Páscoa a nova certeza: / a festa haverá / e o povo a cantar, aleluia! (2x)

As forças da morte: a injustiça e a ganância de ter - de ter. / Agindo naqueles que impedem ao pobre a viver - viver. / Sem terra, trabalho e comida, a vida não há - não há. / Quem deixa assim e não age, a festa não vai celebrar.

Irmãos, companheiros na luta, vamos dar as mãos - as mãos. / Na grande corrente do amor, na feliz comunhão! - irmãos! / Unindo a peleja e a certeza, vamos construir - aqui / na terra o projeto de Deus: / todo o povo a sorrir!

Que em todas as mesas do pobre, haja festa de pão - de pão. / E as mesas dos ricos, vazias, sem concentração - de pão! / Busquemos aqui, nesta mesa do Pão redentor - do céu, / a força e a esperança que anima o povo de Deus!

Bendito o Ressuscitado, Jesus vencedor - ô, ô, / o pão partilhado, a presença Ele nos deixou - deixou! / Bendita é a vida nascida de quem se arriscou - ô, ô, / na luta pra ver triunfar, neste mundo, o amor!

O(A) facilitador(a) faz a leitura da frase de Ariano Suassuna: “é muito difícil você vencer a injustiça secular, que dilacera o Brasil em dois países distintos: o país dos privilegiados e o país dos despossuídos”. Em seguida, o facilitador (a) motiva a fazerem uma ciranda que representa a região para encerrar a Roda de Conversa, e motiva para a próxima roda, com informações de local e horário, motivando para que outras pessoas colaborem na organização.



RODA DE CONVERSA 2

Democracia e Direitos

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cartaz do Grito dos (as) Excluídos (as); bíblia, recortes de notícias ou imagens de privilégios sociais e políticos; imagens e recortes que representem os Direitos (carteiras de trabalho; cartão do SUS; educação; etc.); flores da região, título de eleitor, mordaza ou lenço.

CHEGANÇA

O ambiente deve ser acolhedor, com símbolos que representam a vida do povo: imagens da realidade local (pode ser fotos que as pessoas têm do bairro, reportagens que retratam a realidade). O(A) facilitador (a) acolhe cada pessoa e os motiva a se acolherem mutuamente de mãos dadas cantando a canção:

O Que É, o Que É?, de Gonzaguinha

Eu fico com a pureza da resposta das crianças. É a vida, é bonita e é bonita.

Viver. E não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Ah meu Deus! Eu sei, eu sei, que a vida devia ser bem melhor e será. Mas isso não impede que eu repita. É bonita, é bonita E é bonita.

*E a vida, E a vida o que é? Diga lá, meu irmão / Ela é a batida de um coração/ Ela é uma doce ilusão
Êh! Ôh! E a vida / Ela é maravilha ou é sofrimento? Ela é alegria ou lamento? O que é? O que é?
Meu irmão. [...]*

O(a) facilitador(a) vai até o ambiente onde estão colocados os símbolos. Pega uma das imagens do cenário, fala o que está vendo e na sequência diz o seu nome e de onde está vindo. Todos se apresentam do mesmo modo, e ao final das apresentações uma pessoa lê a letra da música: Cadê o rato, doutor? Ou outra de sugestão do grupo.

- O rato roeu, roeu toda a roupa da vovó

Roeu a educação e a manga do meu paletó

- Cadê o rato, doutor? Onde ele está?

Sei, que tu sabes, doutor não quer falar

- O rato é um camundongo, mas é um bando, não é um só, tem rato pra todo lado engravatado

- E o pior os dentes muito afiados, estão roendo de fazer dó. Roendo nossa nação, nossa cultura, nossa canção e a manga do meu paletó.

- O rato roeu, roeu toda roupa da vovó

Roeu a reforma agrária e a manga do meu paletó

Roeu a saúde e a manga do meu paletó

Roeu os direitos trabalhistas e a manga do meu paletó

Roeu a moradia e a manga do meu paletó

Roeu a democracia e a manga do meu paletó

O(a) facilitador(a) motiva as pessoas a acrescentarem outras coisas, mais o rato roeu, e que estão relacionadas aos direitos da população local ou em relação à Democracia.

VAMOS SABER MAIS

Na atual conjuntura, vamos percebendo que aos poucos os nossos direitos conquistados estão sendo ameaçados e alguns já retirados. Vamos ouvir a história da Ana Júlia e conversar sobre ela.

A voz da estudante Ana Júlia, embargada pelo nervosismo, foi ouvida atentamente [...] pelos deputados estaduais do Paraná. Mas chegou rapidamente a milhares de brasileiros. O discurso foi feito na tribuna da Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), em Curitiba, em defesa do movimento de ocupação das escolas públicas no Brasil. A secundarista de 16 anos, que estuda no colégio Senador Manoel Alencar Guimarães, falou pelos alunos que ocupam as mais de 1000 escolas no país em diversos Estados. “A nossa única bandeira é a educação. Somos um movimento apartidário, dos estudantes pelos estudantes”, disse Ana, vestindo a camiseta da sua escola.

Ora brava, ora doce, a jovem falou em tom de desabafo pelos estudantes que estão enfrentando um verdadeiro rolo compressor na Educação com a chegada do Governo Temer: as previsões de cortes de investimentos nas escolas públicas com a PEC 241, uma proposta de reforma do Ensino Médio com um projeto que não está sendo debatido, e outro que quer interferir no currículo chamado Escola Sem Partido.

“A quem a escola pertence?”, questionou ela logo de cara, lembrando que o ‘rolo compressor’ das reformas vai chegar a seus filhos e netos. “A reforma na educação é prioritária, mas precisa ser debatida, conversada”, defendeu ela na tribuna.

O discurso de Ana Julia ocorreu em um momento de apreensão para o movimento das ocupações. Na tarde de segunda-feira (24.10.2016), o estudante Lucas Eduardo Araújo Mota foi assassinado dentro da escola Santa Felicidade, em Curitiba, por um colega. O crime chocou os alunos e a comunidade e fez com que a escola fosse desocupada no dia seguinte. Havia a possibilidade de que a tragédia desmobilizasse o movimento em outras escolas. Mas isso não ocorreu.

Ana Julia [...] foi firme ao explicar porque a morte de Lucas refletia a indiferença do Estado com o protesto dos estudantes. “Eu peço desculpa, mas o ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] nos diz que a responsabilidade pelos nossos adolescentes, pelos nossos estudantes é da sociedade, da família e do Estado”, devolveu Ana Julia, sob aplausos de outros estudantes que estavam ali.

A estudante de Curitiba sensibilizou outros brasileiros.

(texto consultado no dia 25.05.2018 https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372_486778.html e adaptado)

VAMOS ABRIR A RODA

- Temos Anas Julias entre nós. O que a jovem estudante nos traz para refletirmos em nossa roda?
- Como vemos e acessamos os nossos direitos (educação, saúde, assistência social, trabalhista, previdenciária, etc.)? Esses direitos estão sofrendo retrocessos? Como é aqui no nosso município, na nossa região, comunidade?
- Sabemos o que é Democracia? É só votar e ser votado? Democracia é tudo que envolve a vida de um país, das pessoas, dos nossos representantes eleitos. Concordamos com essa afirmação?
- Como percebemos a Democracia em nosso cotidiano? E a linguagem utilizada por nossos representantes políticos é compreensível para nós? O que defendemos e reivindicamos é o que eles também reivindicam?
- Plebiscitos, referendos, consultas, conselhos, conferências são espaços de participação direta e de formulação de políticas públicas e essas são formas de exercermos a Democracia. Concordamos com essa afirmação?

ORGANIZANDO O GRITO DOS EXCLUÍDOS

Facilitador (a): todas as situações que ouvimos e conversamos nos deixam inquietos e inquietas. Precisamos gritar e mostrar nossa indignação sobre os direitos que não temos ou que estão sendo retirados, e pela democracia, que ainda precisa ser melhorada e ampliada em nosso país. Para tanto, é importante ter isso bem claro para que todos vejam e se mobilizem na organização e participação do processo do Grito dos Excluídos, e também no Ato no dia 7 de setembro. Vejamos algumas formas:

- Realizar na comunidade oficinas de cartazes e faixas, onde possam ser colocadas frases ou palavras que reflitam a nossa luta. Esse material pode ser levado e exposto no Ato dia 7 de setembro, no Grito dos Excluídos;
- Utilizar mordanças no Ato do Grito dos Excluídos, elas simbolizam a tentativa de nos calarem;
- Confeccionar ratinhos como símbolo daqueles que roem nossos direitos e levar no dia do Ato;
- Algumas pessoas podem se fantasiar com paletós rasgados e sem mangas, que simbolizariam as mordidas dos ratos.

VAMOS QUE VAMOS

Mesmo diante de tantas dificuldades e limites é sempre bom termos sinais de esperanças. É sempre bom ter motivação para continuar a luta conjunta na construção de uma nova sociedade justa e solidária. Ao final, vamos juntos (as) ler a poesia de Thiago de Mello ou outra de sugestão do grupo.

“Para os que virão”.



Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
para não enganar a ninguém:
principalmente aos que sofrem
na própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.

Não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular - foi deixando,
devagar, sofredamente
de ser, para transformar-se
- muito mais sofredamente -
na primeira e profunda pessoa
do plural.
Não importa que doa: é tempo
de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros.)
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando.
Thiago de Mello, em Poesia Comprometida
com a minha e a sua Vida, 1975.



RODA DE CONVERSA 3

Violência - PENSAR PARA CONSTRUIR, CRIAR E RECRIAR

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Som, projetor, computador, letras das músicas impressas ou projetadas, recortes de jornais e revistas com imagens, dados e informações sobre as diversas violências. Distribuir os materiais pelo ambiente onde todos (as) possam visualizar.

CHEGANÇA

O(A) facilitador(a) acolhe a todos(as), convidando-os a observarem as imagens que estão distribuídas pelo ambiente, buscando analisar cada cena. Enquanto os (as) participantes caminham ouvem músicas que tratem do tema da violência.

Sugestão: Violência e Injustiça - Atitude Rap.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9FZOJRprccE>

Orienta-se para a apresentação de cada participante, e o (a) facilitador (a) provoca para que na apresentação digam em uma palavra o que mais chamou atenção nas imagens distribuídas no ambiente e na música que se ouviu.

VAMOS SABER MAIS

Assistir ao documentário: **A Guerra do Brasil**. 14'23"

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=db2iEZ1QwmE>

O Brasil mata. Mata muito.

Entre 2001 e 2015, houve 786.870 homicídios, a enorme maioria (70%) causados por arma de fogo e contra jovens negros. Os números da violência no maior país da América Latina atingem dimensões ainda mais preocupantes ao se compararem com guerras internacionais deste século. Desde que começou o conflito sírio, em março de 2011, morreram 330.000 pessoas. A guerra de Iraque soma 268.000 mortes desde 2003. Brasil, com 210 milhões de habitantes, é o país que mais mata no século XXI.

O jornal O Globo retratou em números essa rotina violenta e cedeu parte do resultado ao EL PAÍS. Um documentário de 14 minutos, conduzido pela voz de Lázaro Ramos, compara os assassinatos registrados no Brasil com os de guerras, conflitos internacionais, terrorismo e locais conhecidos pela violência. Segundo os números do jornal, o Brasil matou nos últimos 15 anos o equivalente à população de Frankfurt, Sevilha ou João Pessoa.

A falta de políticas públicas que abordem a segurança como um problema crônico e prioritário é um dos assuntos tratados no vídeo. Em um país onde se assassina uma pessoa a cada dez minutos, o



documentário, alerta: “Enquanto está assistindo a este vídeo, mataram mais um”.

(Texto e documentário consultados no dia 28/05/2018 em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815_459310.html)

VAMOS ABRIR A RODA

Após a exibição do vídeo o (a) facilitador (a) provoca os (as) participantes a refletirem sobre duas questões:

1. Quem são os grupos/pessoas que mais matam, por que eles matam e como isso mudou ao longo da última década?
2. O que fazer para mudar esse cenário?

ORGANIZANDO O GRITO DOS EXCLUÍDOS

O(A) facilitador(a) abre o diálogo entre os (as) participantes para saber como denunciar as violências que exterminam cada vez mais a população, e a partir das ideias relacionadas a como mudar esse cenário, produzir materiais que possam ser utilizados no dia 7 de setembro.

Organizar cine debate com o documentário sugerido entre os diversos públicos, nas escolas, universidades, associações comunitárias, igrejas, sindicatos...

VAMOS QUE VAMOS

Para finalizar a roda ouvir a música *Passarinhos* do Emicida, com participação da Vanessa da Mata.

Disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=67&v=IJcmLHjjAJ4



Anexo 1

1. DEMOCRATIZAR A COMUNICAÇÃO

Na era da informação, quem detém a mídia tem poder sobre a opinião das pessoas. A comunicação é um bem público que o Estado concede o direito de operar, só que no Brasil essa operação atende a interesses particulares, dos endinheirados que só visam o lucro.

Existe um oligopólio familiar dos canais de televisão, rádios, jornais, revistas, portais de internet, que dificulta a entrada de outros canais que poderiam trazer pautas alinhadas com o interesse público. Somente com a regulamentação da mídia será possível falar em diversidade da informação e, deste modo, caminhar para uma sociedade mais democrática.

Denunciamos esse modelo de mídia e comunicação e exigimos a sua regulamentação, assim como um processo transparente de democratização da informação em nosso país!

2. DIREITOS BÁSICOS

O Brasil “democrático” foi construído com um desejo impetuoso das elites de dominar, acumular e lucrar mais e mais à custa do povo. É um Brasil que desrespeita os direitos fundamentais: à vida, à dignidade, a ter direitos. Nossa história é marcada pela violência e dominação através da guerra e extermínio dos povos originários (indígenas, negros e quilombolas), dos pobres, das mulheres e da juventude. Este sistema não nos suporta, não suporta os povos, os direitos. O acesso, ampliação e universalização dos direitos fundamentais conquistados e garantidos na Constituição Federal de 1988, e que não foram plenamente implementados e universalizados, hoje estão sendo ameaçados.

A elite brasileira nunca aceitou esses direitos e conseguiu, com o apoio da mídia conservadora, realizar um golpe “democrático” no Brasil, em 2016, e estabelecer uma agenda de retrocessos nos direitos da classe trabalhadora. Em nome da crise econômica, o governo golpista de Michel Temer está fundamentando a redução e a negação de direitos básicos, com o corte dos investimentos sociais, beneficiando ao sistema financeiro transnacional.

Estamos no meio de um ataque aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras: congelamento dos investimentos por 20 anos, reformas da previdência e trabalhista que abrem um leque para privatizações dos serviços básicos. Assim, privilegiando as empresas que vão operar estes serviços, em um verdadeiro assalto aos direitos sociais.

Vamos nos juntar e fortalecer a luta e a resistência contra qualquer retrocesso e ameaça aos nossos direitos (saúde, educação, aposentadoria, terra, água, salário maternidade, transporte, etc.). Nenhum direito a menos! Por isso, a rua é o nosso lugar!

3. ESTADO FOMENTADOR DE VIOLÊNCIA

A política do Estado mínimo imposta pelo sistema capitalista neoliberal busca a acumulação de capital, em detrimento das políticas sociais, cuja implementação, muitas vezes, fica a cargo de terceiros. Prática que fomenta as várias situações de violência.

A primeira refere-se ao descaso com a qualidade dos serviços oferecidos (água, saneamento, educação, saúde, transporte, dentre outros), por vezes terceirizados e precarizados. Uma segunda forma é quando o Estado destrói nossos territórios, degrada e mata, gera violência e criminaliza as lutas e os lutadores (as), como no desastre ambiental de Mariana, em 2015. A terceira situação de violência é a criação de formas de acabar com as poucas leis ou mecanismos específicos de proteção: Estatuto da Criança e do Adolescente, do Idoso, Lei Maria da Penha, políticas afirmativas, que indicam claramente as desigualdades sociais e vulnerabilidades existentes, numa espécie de “epidemia de indiferença”, com a cumplicidade do Estado.

A violência é justificada como forma para o Estado funcionar, ela é “silenciosa” e seletiva com os setores vulneráveis da sociedade a fim de contê-los. O sistema capitalista exclui a juventude negra, pobre e da periferia, degrada o meio ambiente e mata negros, mulheres, índios, quilombolas, LGBT(s) e não nos suporta!

4. QUE PROJETO DE PAÍS DESEJAMOS? QUE ESTADO QUEREMOS?

O Estado sempre foi assediado e disputado pelo capital como instância que lhe garante acessos, facilidades e proteção. A corrupção não é uma novidade, nem no Brasil, nem em lugar algum do mundo, ela faz parte do sistema e o mantém. Portanto, devemos nos desvencilhar desta armadilha que foi montada sobre a corrupção e de processos eleitorais, e refletir sobre: Que Estado queremos? Que país desejamos? Certamente, uma nação que sustente um projeto comum, que garanta o crescimento econômico, não dos grandes empresários, das instituições milionárias, mas sim dos trabalhadores. Com distribuição de renda de forma igualitária, garantia de fato dos direitos a todos e todas, especialmente os (as) mais vulneráveis e excluídos (as). Um Estado que olhe com atenção aos pequenos (as) produtores (as), à agricultura familiar, à indústria nacional, à educação pública, gratuita e de qualidade. Que fortaleça, promova e universalize o Sistema Único de Saúde (SUS), desenvolva a pesquisa e a ciência; facilite o acesso à cultura, à habitação, à terra, ao trabalho, à alimentação. Um Estado que preste atenção às populações que vivem na e da floresta. Um Estado alicerçado na garantia e acesso aos direitos e comprometido com o povo e a vida. Um Estado soberano, não a serviço de interesses estrangeiros.

5. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA É EMANCIPAÇÃO POPULAR

Sob um governo golpista e ilegítimo, as experiências coletivas estão em xeque. O trabalho de base e a formação de coletivos de luta e resistência, nos mais diferentes recantos de nosso país, rompem com esse novo padrão que tentam nos impor.



Reconstruímos o país com as Diretas Já, elaboramos uma avançada Constituição Cidadã. Conquistamos vários direitos que hoje estão ameaçados. Isso indica que não há um modelo pronto. A juventude que ocupou as escolas nos desafia a repensar o método, a pedagogia do trabalho de base e, principalmente, retomar com nova linguagem, novo jeito de dialogar, nos apropriando dos instrumentos de comunicação que dispomos.

Devemos romper com a lógica de pensar a participação a partir de processos de representação eleitoral, de cargos públicos eletivos, sem descartá-la, mas dando a ela um novo significado. Precisamos também ressignificar os espaços de participação históricos que conhecemos e usamos diversas vezes: os plebiscitos, referendos, conselhos gestores, orçamento participativo e etc. Já, que alguns destes instrumentos foram sendo apropriados na sua estrutura e discurso por governos de plantão e deixaram de representar os verdadeiros interesses da população.

A participação política é fundamental para provocar processos de mudanças estruturais, na construção de uma sociedade, de um Estado e um país livre, democrático, justo e igualitário. Todos e todas somos convidados a participar para construir a democracia e assegurar nossos direitos.

6. UNIR GENEROSAS/OS NAS RUAS

A rua traz consigo dois sentidos, principalmente para moradores das periferias, pode ser um ambiente de acolhimento, mas também de abandono e perigo. Toda a violência sofrida pela periferia, sobretudo a policial, provoca o medo das pessoas de frequentar a rua como um espaço de convivência e de uso coletivo, o que nem sempre é uma preocupação em alguns bairros de classe média.

Com muita persistência, alguns coletivos, indivíduos e organizações vêm ressignificando o que é ocupar a rua e os sentidos que isso implica na vida cotidiana das pessoas. O que acontece pela contínua efervescência da cultura periférica, com diversos grupos que atuam a partir de linguagens artísticas e mostram seu trabalho, conseguindo se organizar politicamente e transformar a realidade local. A rua é um espaço de troca de vivências e saberes, é também onde construímos e defendemos nossos direitos que, hoje mais do que nunca, estão sendo postos à venda pelo próprio governo/Congresso para atender aos interesses do capital, a quem obedece servilmente. A rua é o lugar da resistência e historicamente tem sido o nosso ponto de encontro, dos generosos (as), dos lutadores (as), da militância. Em tempo de retrocessos democráticos se torna mais urgente e necessário ocuparmos esse espaço.

Vamos para as ruas não só para lutar, mas também para celebrar. Ocupar a rua é vivenciar, é sentir, é olhar o outro sem (pré) conceitos, racismo, machismo, homofobia, é olhar o outro na sua integralidade e como companheiro (a). O papa Francisco também nos convoca. Não deixemos mais o sistema incorporar e abrir um abismo entre nós e nossos companheiros e companheiras de caminhada. A praça, a rua, os bares... vamos enchê-los de novo! Vamos nos misturar de novo, porque juntos, generosas e generosos, vamos conseguir pensar um projeto de sociedade mais democrático, em que todos e todas tenham voz, vez e lugar.



7. UMA ECOLOGIA INTEGRAL

A Campanha da Fraternidade de 2017 trouxe para a reflexão os biomas brasileiros, as ameaças a que estão submetidos e a convocação para lutar em sua defesa. Falar de bioma não é só falar de plantas, animais, fungos e as relações entre si, mas também inclui os seres humanos. Cada bioma é um grande conjunto de pequenos ecossistemas que reúne uma comunidade de seres vivos de todo o tipo em um único território.

O ecossistema em que vivemos, por mais artificial que seja, como as grandes cidades – que ainda assim fazem parte dessa comunidade – deixa sua marca em nós: nossa história, nossa infância, nossa visão de mundo, nossas relações, mesmo o nosso tipo (bio)físico. Tudo em nós tem a marca da grande comunidade e ancestralidade a que pertencemos.

Denunciar e lutar contra a destruição dessa comunidade é lutar por nossa casa comum, pela vida em toda a sua integralidade, pelo Planeta, “que sofre em dores de parto”. O agronegócio empobrece o solo, polui as águas e leva perigo a todo o ecossistema. O monocultivo, os agrotóxicos, os transgênicos, a exploração irracional das florestas e a atividade mineradora podem causar desastres criminosos, como o de Mariana (MG) e toda a Bacia do Rio Doce. Deixam críticas as condições de vida e contribuem para as mudanças climáticas. A destruição faz parte do sistema ganancioso de acumulação e lucro do capital. A vida, as abelhas, as plantas, tudo vira uma mercadoria. Devemos lutar pelas mudanças desse sistema que exclui, degrada e mata. É preciso resistir e lutar: pela nossa história, pela vida do Planeta, por “Vida em primeiro lugar”!



Expediente

Elaboração de textos

Adriana Aleixo de Sena
Ana Cristina Ragnini
Ana Valim
Andreolina Vieira Quinto
Andrezza do Carmo
Anildo M. Curintima
Antonio Fernandes Neto
Ari Alberti
Carla de Oliveira Guimarães
Cosme Vitor
Danilo Correia Bezerra
Eliane Moreira de Jesus
Emanuel Pontes Meirelles
Fabiano Viana
Francisca Diana Maia
Francisco Nonato
Francismarina M. Vale
Joana D'Arc Ferreira de Lima
José Carlos C. Paz
José do Nascimento
Joseanair Hermes
Karina da Silva Pereira
Kleber Fábio de O. Mendes
Laisa Silva Campos
Leandro S. de Araujo
Lucimeire Araujo
Marcos Aurélio C. Bezerra
Marcus Silvestre
Maria Goretti Rodrigues
Monica Fidelis
Rafael Henrique Lopes
Reinaldo Oliveira
Ricardo F. da Silva
Robson da Silva Oliveira
Rosilene Wansetto
Thiago Coelho da Silva
Toninho Evangelista
Vanda Maria
Vinicius Santos Lima

Assessores/as

Ivone Gebara
Plinio de A. Sampaio Jr.

Edição

Alessandra Miranda,
Joseanair Hermes
Rosilene Wansetto

Revisão

Karla Maria, Assessora de Comunicação da Rede Jubileu Sul Brasil

Diagramação

Gean Carlos Beiger

Contato

Secretaria Nacional do Grito dos Excluídos

Rua Caiambé, 126 – Ipiranga - 04264-060 - São Paulo - SP

Tel/Fax: (011) 2272-0627

E-mail: gritonacional@ig.com.br

Página: www.gritodosexcluidos.org

Facebook: Grito Dos Excluídos

